



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROMOÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL POR MEIO DO ENIGMA DAS OBRAS DOM CASMURRO E AMOR DE CAPITU

SANTOS, Wanda Patrícia de Sousa Gaudêncio; GONÇALVES, Sandra Regina Pereira
– Co-autora; CABALCANTI, Marineuma de Oliveira (Orientadora)

Universidade Federal da Paraíba – UFPB/Profletras- Campus IV
prof.wandapatricia@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta os elementos constitutivos do relato de experiência em prol do Letramento Literário em uma turma da série final do Ensino fundamental, tendo como meio a apresentação do trabalho de leitura mediada de duas obras cujo foco é o enredo da obra *Dom Casmurro*, um clássico da literatura realista brasileira do século XIX. Numa perspectiva de favorecer aos alunos o acesso à Literatura, foram desenvolvidas práticas de incentivo a leitura dentro e fora do ambiente da sala de aula e a possibilidade de ampliação dos horizontes de expectativas dos alunos por meio de intervalos de leitura nos quais buscou-se aproximá-los da obra, do estilo e das habilidades necessárias a formação de um leitor proficiente. Os resultados foram exitosos e culminaram com a realização de um Júri Simulado onde se pode ter um perfil dos protagonistas das obras a partir da construção de sentidos e percepções das leituras realizadas pelos alunos. Desta forma, comprovamos que a formação de um público leitor jovem é possível.

Palavras-chave: Letramento Literário – Literatura Clássica – Experiência

1. INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios de nós professores de Língua Portuguesa tem sido letrar literariamente nossos alunos. Sobretudo, no âmbito da escola pública, na qual, alunos cujo incentivo familiar à leitura é raro incentivar ao contato com obras literárias é desafiador. Desta feita em busca de um maior contato com a leitura, mas sem que minha posição fosse a de uma mera leitora escolher que se limita a ler para atuar como alguém que lê para sugerir leituras aos colegas ou no caso, aos alunos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sabemos que, desde a popularização da Literatura Nacional, registrada no início do século XIX, quando a família real portuguesa se instala no Brasil e oportuniza o acesso à literatura por meio da abertura da Biblioteca Nacional, e, sobretudo pelo surgimento da imprensa, fez ploriferar o gosto pelos folhetins. No entanto, o acesso aos livros, assim como hoje, era elitizado. E, até hoje, nem todos podem adquirir aquele romance que desejaria ler no momento em que este é lançado, de fato como diz Cândido nem todos têm direito à Literatura.

Na escola, este direito também é cerceado, por vários fatores: a falta de um espaço adequado a leitura, salas de leitura que favoreçam aos alunos a aquisição do hábito de ler; as bibliotecas quase sempre não possuem um acervo adequado e nem profissionais preparados para auxiliar os professores no desenvolvimento de atividades de leitura e sem contar no comodismo habitual de certos professores que preferem fazer da leitura um pretexto e que tem por objetivo final o preenchimento da velha ficha de leitura. No entanto, é preciso ter consciência que “se quisermos formar leitores, devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2013, p.21).

Mais ocorre que “a leitura literária criticamente desejável tem um campo de liberdade e de subjetividade digno de atenção, especialmente por parte de professores desejosos ou obrigados a seguir parâmetros, supervisores, coordenadores, programas, manuais didáticos e pais” (PAULINO, 2007, p.19). Essa é uma realidade recorrente, uma vez que,

As práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar português, entendimento este legitimado tanto dentro como fora da escola (KLEIMAN, 2013, p.23).

Diante disso, a leitura perde a função de fazer com que o leitor construa, transforme e ressignifique sentidos a partir do que leu. Seria assim, um distanciamento da função humanística que tanto se preza em literatura. E assim, diante e tantas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

adversidades enfrentadas por nós professores em prol da formação leitora de nossos alunos é que se faz necessária a adoção de medidas de mudança nas práticas de leitura ora realizadas em sala de aula. Como também, no que se refere a própria formação do professor de língua portuguesa, ele, antes de tudo, precisa ser um professor-leitor, só nesta posição é que ele poderá conduzir os alunos ao gosto pela leitura de maneira que, aos poucos, estes evoluam enquanto leitores e se afastem cada vez mais do exercício de uma leitura marcada pela superficialidade. Ou seja,

O leitor superficial lê de modo raso, sem privilegiar um tipo de leitura. Não manifesta preocupação com o valor estético das obras, nem mesmo as avalia. Escolhe os textos ao acaso, o que lhes cai nas mãos, geralmente a literatura de massa ou gêneros consagrados, como o romance romântico. Não costuma realizar leituras de aprimoramento profissional. Conhece poucos escritores e se limita a poucas obras. (COENGA, 2010, p. 41).

O conceito acima revela a categoria de leitor mais comum no contexto atual, por isso muito se tem buscado para resolver a precariedade da formação leitora de nossos alunos. O próprio sistema de ensino do país já pressupõe tal necessidade, avaliações como a Provinha Brasil e o próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) já assinalam para uma melhor formação da competência leitora dos alunos brasileiros, e mais, atestam que a melhoria será útil não apenas na área de Linguagens e Códigos, mas também, no que tange ao desempenho de provas de outras áreas do conhecimento.

Muitas são as teorias, obras e os relatos focados na melhoria, no entanto, é preciso pôr em prática, ou seja, torná-las usuais. E dentre as teorias que serviram de base à consecução do referido trabalho assinalamos que a obra “Oficina de Leitura: teoria e prática” de Angela Kleiman, nela, encontramos pontos que parte da concepção de leitura à construção de estratégias e habilidades que favorecem a construção de sentidos por meio do texto. Não só sua obra mais como a abordagem feita por Machado (2009) que versa sobre a importância de se ler os clássicos que nos impulsionaram ao desenvolvimento de experiências que envolvessem atividades de leitura em nossa prática escolar. Buscamos ainda em autores como Cunha (2009), Cosson (2014),



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Gregorin Filho (2012), Michelli (2012), Paiva *et all* (2007) e Chartier (1998) o conhecimento acerca das relações entre a escola e a Literatura Infantil e Juvenil. Outro aporte teórico de referência foi Coenga (2010) na qual é evidenciada a necessidade de diálogos entre a leitura e o letramento literário.

Diante de tantas leituras e, aliando-as as vivências até então experimentadas em nossa prática, propomos, neste trabalho, relatar uma experiência em prol do incentivo do letramento literário junto a alunos do Ensino Fundamental II. Para tanto, nosso objetivo é relatar uma experiência vivenciada e sala de aula junto a uma turma de 9º do ensino fundamental da leitura e análise de uma obra clássica e de sua releitura de maneira que a experimentação da leitura deixe de ser uma atividade forçada e torna-se um hábito.

Conforme afirma Michelli (2012, p. 46), “a obrigatoriedade de ler – principalmente pela cobrança em provas – é outra estratégia que afasta os livros de um possível leitor. Mas que cobrar, urge seduzir o aluno para ao prazer de ler literatura” é neste ponto que ainda segundo a autora deve-se ponderar sobre a qualidade da obra a ser lida. No entanto, é preciso ter cuidado com a escolha e a forma como a leitura mediada será conduzida pelo professor, o condutor pelos caminhos da ficção e do conhecimento do texto literário.

OS PRIMEIROS DEGRAUS DA APRECIÇÃO LEITORA

A experiência foi desenvolvida ao longo de dois bimestres, dentro e fora do ambiente da sala de aula, no ano de 2013, para tanto, se recorreu a leitura de duas obras literárias: *Dom Casmurro* de Machado de Assis, um romance do período realista e de uma obra que consiste numa releitura da obra original intitulada de *Amor de Capitu*, escrita pelo autor contemporâneo Fernando Sabino.

A metodologia consistiu na indicação de leitura das duas obras, tomamos como base, neste ponto da atividade as palavras de Cosson (2014, p. 63), segundo o qual, “ao indicar o texto, é conveniente que o professor negocie com seus alunos o período



necessário para que todos realizem a leitura e, dentro desse período, convém marcar os intervalos”.

Desta maneira, além da leitura em casa, ou seja, das atividades extraclases, foram realizados momentos de leitura no pátio da escola, onde os alunos puderam ficar bem à vontade para ler a obra, sendo estipulado um momento como este, por semana. Valendo salientar ainda que estipulamos um prazo de 01 (um) mês para que fosse concluída a leitura de cada uma das obras indicadas, o prazo foi estipulado em face da possibilidade considerando o grau de maturidade leitora da turma. Uma vez que um aluno poderia terminar antes ou de ter o prazo para conclusão da leitura mais lenta. Diante da observância que,

A análise da obra pode ser feita pela leitura em sala ou por meio de perguntas que instiguem os alunos a ir descobrindo as respostas à medida que lêem. Investigar sobre o autor e a época de produção da obra contribui para alargar a compreensão leitora (MICHELLI, 2012, p. 47)

Diante disso, a cada semana além de uma aula para leitura, foram feitas atividades de monitoramento da leitura que estava sendo realizada assim, destinávamos um tempo para que os alunos pudessem relatar suas experimentações e inquietações com o enredo conforme a leitura ia sendo realizada, nesses momentos interferimos com aspectos inerentes ao estilo literário Realista, esta estratégia serviu para que os alunos pudessem compreender melhor algumas ações que iam acompanhando no enredo.

LETRAMENTO LITERÁRIO EM MEIO AO ESTIGMA MACHADIANO

Não é raro ouvirmos relatos de pessoas que para justificar a sua não afinidade com o texto literário sob a desculpa de que o texto literário seja complexo e que a culpa disso é da linguagem cifradas, requintada e inatingível. Para muitos, o vilão da história, ou melhor, das histórias chama-se “Machado de Assis”. Para os alunos esse é um autor cuja leitura é chata, complicada e extensa, e temos que desconstruir este estereótipo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Mas não podemos culpá-los por essa aversão. Afinal, também somos fruto de uma geração a qual não nos foi dada a oportunidade de como diz Cosson (2014), termos “um encontro com a obra”, enquanto leitores, quando alunos, fomos forçados a conhecê-la. Mas se o contato com o clássico faz necessário devemos nos apropriar do que Machado defende (2009, p. 19), “à reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência”.

Eis aqui o momento de justificar a escolha das obras. Como se sabe a obra Dom Casmurro, não apenas pelo estilo a qual está vinculada, mas tomando-se como parâmetro a própria perspectiva Machadiana é intrigante. O enredo é obscuro e a condução das ações é bem complexa, essa não-obviedade é fascinante. Melhor dizendo, em Dom Casmurro, quebrassem a expectativa cultuada que os enredos se repetem e que se muda apenas os nomes das personagens e o cenário onde a trama se desenvolve.

Diante disso, nossa pretensão é fazer com que os alunos deixassem de conceber o gênero romance como um estilo “*clichê*” e pudessem se ê em meio ao levantamento de hipóteses sobre a índole e as ações das personagens da história, queríamos oportunizar, mesmo diante da leitura de uma mesma obra, as inquietações individuais, de maneira que cada um pudesse levantar e explicar sobre suas próprias expectativas acerca do que realmente se passou na interação entre Bentinho, Capitu e Escobar.

Esta foi a nossa estratégia de motivação à leitura. Afinal, “outra coisa muito prazerosa que encontramos num bom livro é o prazer da decifração, da exploração daquilo que é tão novo que parece difícil e, por isso mesmo, oferece obstáculos e atrai com intensidade. Como quem se apaixona” (MACHADO, 2009, p. 21).

Outro aspecto marcante da obra é que ela é narrada por um narrador-personagem que além de dar título à história, Bentinho (Bento Santiago), devido ao seu caráter recebe o apelido de “Casmurro”, ele descreve sua trajetória de vida sob a sua perspectiva de filho único, machista, que vivencia um amor proibido aos moldes de “Romeu e Julieta”, posto que seu nascimento e seu próprio nome Bento já revela que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fora uma bênção á família e por isto é conduzido por causa da mãe a seguir a carreira eclesiástica.

Porém, a introdução de Capitu na trama faz com que ele se desde destino que lhe havia sido traçado desde o nascimento, e a trama segue com a possibilidade de uma traição entre o melhor amigo Escobar e sua esposa Capitu e a rejeição do filho, suposto fruto da traição o que culmina com um final trágico e de extrema amargura e solidão para um protagonista-narrador onisciente. A não-linearidade da narrativa, representada pelas idas e vindas o tempo da narrativa confundem o leitor, o que nos serve muito bem para trabalhar a noção de tempo na narrativa. O que também nos serve a noção dos outros elementos da narrativa.

Quanto à segunda obra a ser trabalhada, “Amor de Capitu” de Fernando Sabino, a escolhemos por ser mais que uma releitura, posto que na obra, tem-se o romance de Machado de Assis recriado sem a atuação de seu narrador central da trama, ou seja, Bentinho, numa espécie de recriação literária. Agora é a versão de Capitu, que é apresentada ao leitor, afinal na obra original só Bentinho tem vez e voz, enquanto que ela é vitimizada pela sua própria condição de mulher. A diferença na perspectiva da trama não se dá apenas pela troca de papéis que é concebida aos protagonistas, trata-se da oportunidade de se avaliar a obra por meio da visão de um leitor, uma vez que a narrativa passa a ser vista por meio de um narrador em terceira pessoa, do tipo onisciente, mas dotado de neutralidade.

A narrativa na terceira pessoa, por mim empreendida, não empresta necessariamente ao relato condições de conhecimento do que se passa no íntimo de todos os personagens. O método escolhido, embora na terceira pessoa, foi em máxima parte o de centralizar o relato no testemunho de apenas um deles. [...] Assim, procurei reviver os acontecimentos do livro a partir do mesmo ângulo do narrador original [...] (SABINO, 1999, p. 232).

É justamente a neutralidade do narrador que abrilhanta a obra, pois os alunos têm a possibilidade de observar a trama sob duas perspectivas: a da suposta vítima de traição, Bentinho e a de alguém que narra a história sem tomar partido e que mantém a



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

expectativa sobre a ocorrência ou não da suposta traição que leva ao idílio amoroso que move a trama.

AS ETAPAS DA VIVÊNCIA

Ao todo foram oito semanas de trabalho contínuo, posto que, conforma já fora elacado determinamos o prazo de 30 dias para leitura de cada obra. A primeira semana foi de apresentação das obras e ambientação da leitura preliminar que foi a da obra *Dom Casmurro*. Foi marcada pelo estranhamento, sobretudo, quanto à estrutura da obra, marcada por múltiplos capítulos, e pela linguagem utilizada por Machado de Assis.

Ao final da segunda semana de leitura sentimos a necessidade de retomar a teoria os aspectos que norteiam as características da tipologia narrativa. Assim posto, realizamos por meio da apresentação de slides a retomada dos elementos da narrativa, o que durou três aulas. Ao todo foram cinco intervalos: no primeiro avaliamos o papel da família na sociedade do século XIX, com ênfase no papel da mulher e na influência da religiosidade na vida das famílias burguesas; um segundo intervalo para abordagem dos elementos da narrativa; outro voltado para influência do estilo na obra. No quarto momento, focalizamos o estilo machadiano de envergar a realidade e, por fim, a ênfase foi à releitura da trama em Fernando Sabino e a sugestão de outras possibilidades de ação que corroboraram para construção do enredo. Após cada intervalo na leitura, foi possível perceber que ao retomar a leitura os alunos durante as “conversas” sobre a obra já eram capazes de se posicionar de forma mais crítica, tanto no aspecto estrutural, quanto em sua capacidade de produzir sentidos.

O resultado da atividade foi de tanto exitoso que a culminância se deu por meio da realização de um Júri Simulado, no qual, por meio das duas versões das histórias, os alunos construíram os argumentos para defesa de cada uma das partes. Vestidos à caráter e tomando por base as características e ações desempenhadas por cada uma das personagens nas tramas, os alunos apresentaram os argumentos citando trechos das respectivas obras estudadas, o mais interessante era vê-los usar argumentos como: “No



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

capítulo X, página, podemos perceber que”, ou, “conforme visto Capitulina apresentou um comportamento suspeito ao observar o cadáver de Escobar”, o que demonstra que eles realmente leram as obras citadas. Ao final do júri, tivemos a absolvição de Capitu do crime de adultério, pois segundo os argumentos retratados pela defesa de ambas as partes, todos os indícios não passaram de devaneios advindos do ciúme e da insegurança que marcam a personalidade de Bentinho ao longo da trama.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das leituras pudemos perceber a interação e a ampliação do interesse dos alunos pela trama, foi possível, verificar a tomada de partido e a construção de argumentos para tentar elucidar o mistério que move a obra: Afinal, Capitu traiu ou não traiu? Mesmo assim, ficamos temerosos em optar por uma análise comparativa, posto que há muitas controvérsias relacionadas à adoção de leitura de obras clássicas “recriadas”, no entanto, ao lermos a obra de Fernando Sabino, observamos que ele se manteve o tempo todo direcionado a não destruir a expectativa e a expectativa do leitor que aprecia a obra clássica. Pelo contrário, a reação da turma nos levou a considerar que sua obra favoreceu ao entendimento da obra original.

No entanto, é preciso considerar que não basta apenas indicar as obras e realizar um único projeto por ano, afinal, “o processo de formação do leitor, ao qual chamamos letramento, é contínuo, incessante e até mesmo interminável. Mas a partir de certas competências e habilidades, pode-se considerar um indivíduo como leitor competente e autônomo, enfim, um indivíduo letrado” (CORRÊA, 2007, p. 55).

Diante do que pudemos perceber a realização das leituras e os procedimentos adotados ao longo da experiência acima descrita nos levam a perceber que mesmo apresentado a turma textos que, aparentemente, não nos despertaria o interesse necessário a ampliação do horizonte de expectativa dos alunos enquanto leitores, isto aconteceu. Como coloca Chartier (1998, p. 19), “cada leitor, cada expectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe” e, enquanto



professores, devemos oportunizar aos alunos esta experimentação de conhecer o prazer de ler e poder partilhar os conhecimentos adquiridos através da leitura”.

Mesmo lendo tantos exemplos de êxito em sequências didáticas direcionadas ao letramento literário, percebemos que não basta ter a receita se os ingredientes não são de qualidade, as melhorias não surgirão ao passe de mágica. O que importa é que nós, professores, nos interessemos mais por estas práticas e que despertemos para uma literatura capaz de induzir à reflexão, a inquietação, à diversão, à fruição e a emoção.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obras Completas de Machado de Assis**, vol. I, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 1998.

COENGA, Rosemar. **Literatura e Letramento Literário: DIÁLOGOS**. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato, 2010.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. **Adolescentes leitores: eles ainda existem**. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro**. 1.ed. 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007, pp. 51-74.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Maria Zilda da. **Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares pra a Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Editora Humanitas; Paulinas, 2009.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil em gêneros.** São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 15ª ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2013.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porquê ler os Clássicos Universais desde cedo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MICHELLI, Regina. **Contos Fantásticos e Maravilhosos.** In: GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil em gêneros.** São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012, pp. 56.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro.** 1.ed. 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

PAULINO, Graça. **Livros, críticos, leitores: trânsitos de uma ética.** In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces - O jogo do livro.** 1.ed. 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

SABINO, Fernando. **Amor de Capitu.** 5ª ed. – São Paulo: Ática, 2008.